



NO RITMO DO FOGO: CONTOS E MEMÓRIAS DA GUERRA DE ESPADAS NA BAHIA

Filipe Arnaldo Cezarinho
Tábata Figueiredo Dourado





FILIFE ARNALDO CEZARINHO
TÁBATA FIGUEIREDO DOURADO

NO RITMO DO FOGO:
CONTOS E MEMÓRIAS DA GUERRA DE ESPADAS NA BAHIA

© 2021 – Gradus Editora

CEZARINHO, Filipe Arnaldo; DOURADO, Tábata Figueiredo. No Ritmo do fogo: Contos e Memórias da Guerra de Espadas na Bahia. 1ª Ed: Gradus Editora, 2021. Bauru, São Paulo.
ISBN: 978-65-88496-31-2

Ficha técnica

Editais nº 01/2020 – Premiação Aldir Blanc Bahia/
Prêmio FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Coordenação Geral
Filipe Arnaldo Cezarinho

Historiador responsável
Filipe Arnaldo Cezarinho

Pesquisa Histórica
Filipe Arnaldo Cezarinho

Textos
Filipe Arnaldo Cezarinho
Tábata Figueiredo Dourado

Colaboradores e colaboradoras
Aldo Dias Cunha Brandão

Alessandro Moraes
Ana Márcia
Cássio Leandro Alvim
George Almeida
Gutemberg Oliveira Peixinho
Ivanildes Maria
Joselito Barbosa Filho
Leonardo dos Santos Conceição
Marco Aurélio Pereira de Oliveira
Michele Franco
Mônica Moraes
Nivaldo Oliveira Souza
Petry Lordelo
Rafael Peixoto Barros
Roberto Amaral Franco
Tyta Santos
Ugo Cantalino Tavares
Ulisses Castro
Venâncio Santos Mendes

Editor-chefe
Lucas Almeida Dias

Projeto gráfico
Paulo Ricardo Cavalcante da Silva

Diagramação
Natália Huang Azevedo Hypólito

Revisão

Jancen Sérgio Lima de Oliveira

Comitê Editorial Científico - Gradus Editora 2020/2021

Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana Dos Santos

Dra. Cintya de Oliveira Souza

Dra. Ana Cláudia Bortolozzi

Dra. Andreia de Bem Machado

Dra. Manuela Costa Melo

Dr. Carlos Gomes de Castro

Dra. Ana Beatriz Duarte Vieira

Dra. Janaína Muniz Pícolo

Dr. Yan Corrêa Rodrigues

Dr. Thiago Henrique Omena

Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa

Dr. Fábio Roger Vasconcelos

Dr. Leandro Antônio dos Santos

Dr. Gustavo Schmitt

Dra. Renata Cristina Lopes Andrade

Dra. Daniela Marques Saccaro

Dra. Gladys del Carmen Medina Morales

Dra. Márcia Lopes Reis



SECRETARIA
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)

CEZARINHO, Filipe Arnaldo; DOURADO,
Tábata Figueiredo. No Ritmo do fogo: Contos e
Memórias da Guerra de Espadas na Bahia. 1ª Ed:
Gradus Editora, 2021. Bauru, São Paulo.
98 p. : il. (algumas color.) ; PDF.

Inclui bibliografias.

ISBN: 978-65-88496-31-2

1 - Guerra de espadas; 2 - Bahia; 3 - Cultura

CDD 306.00

ÍNDICE

Apresentação e Agradecimentos _ 9	Os Mestres, os Aprendentes e a Pedagogia das Espadas _____ 77
Prefácio _____ 13	Glossário _____ 89
Cenários da Guerra de Espadas na Bahia _____ 17	Fontes _____ 93
Atrevidas são as Espadas _____ 25	Referências _____ 95
Ana Espadeira e suas Tatuagens _ 35	Sobre os Autores _____ 97
Artimanhas da Resistência _____ 43	
Tornar-se Espadeira e Espadeiro _ 51	
O Fogo das Paixões Espadeiras ____ 59	
Contendas em Tempos de São João _____ 63	



APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

A presente obra se origina de um projeto submetido ao Edital N° 01/2020 – Premiação Fundação Pedro Calmon, Prêmio Aldir Blanc, categoria Memória. Toda a pesquisa deu-se por meio das mídias digitais, o que garantiu a feitura do livro considerando e respeitando as normativas atuais do contexto pandêmico.

A finalidade deste trabalho é demonstrar o valor histórico, cultural e patrimonial da Guerra de Espadas na Bahia. Os meios para tal foram diversos. Em primeiro lugar, incumbimo-nos de uma pesquisa histórica através da hemeroteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, onde encontramos recortes de jornais que traziam as festas de São João relacionadas às Guerras de Espadas em vários municípios baianos. O critério fundamental era que os verbetes “espadas” e “guerra de espadas” compusessem o conteúdo de cada recorte documental. Os acervos admitem uma linha temporal que vai de 1950 a 1970, podendo encontrar material com datações posteriores.

Todavia, mesmo com o recurso à pesquisa histórica, este não é um livro de História. Estamos longe dessa feita. Por isso, nos libertamos de determinados procedimentos metodológicos específicos que caracterizam o fazer historiográfico. Assim, em segundo lugar, permitimo-nos aos constructos criativos e inventivos, cunhando histórias aproximadas e plausíveis da realidade. Colocamos em funcionamento personagens fictícios e misturamos contextos temporais e espaciais. Alimentamos a obra com contos diversos que traduzem as vivências de milhares de pessoas que participaram e participam da Guerra de Espadas em seus ambientes de morada. Ainda, contados sem a preocupação da exigência métrica, sem necessariamente adequar-se às rimas poéticas e imanados de irregularidades rítmicas, os contos, ainda, revelam criticismo às coações atuais do Estado sobre a Guerra de Espadas em variados municípios.



O terceiro meio, por fim, contorna as memórias. A partir de chamada pública, coletamos, analisamos e tornamos públicas fotografias de espadeiras e espadeiros de diversos municípios baianos. São 51 ao todo. Conseguimos, num curto prazo, arrolar quantidade expressiva de registros imagéticos, o que provocou agonia e lamentação na hora de escolhê-los. Os critérios foram variados. As relações familiares tiveram a devida atenção. Com isso, buscamos elucidar a íntima relação geracional existente na prática cultural das espadas. Privilegiamos a presença das mulheres. Isso deve-se ao fato de que é comum associar a Guerra de Espadas aos homens. Percepção errônea ao nosso entender. Esperamos que essa ideia seja diluída a partir deste trabalho. Consideramos cabal, também, as passagens de produção das espadas ao ato de tocá-las em seus lugares prediletos: as ruas.

Este livro não existiria sem a colaboração de espadeiros e espadeiras. É um exemplo de produção coletiva. Podemos dizer que a significativa vontade de compor a obra é diametralmente igual à quantidade de registros que cada pessoa nos enviava. Faz-se preciso nomear cada um (a) que colaborou para realização da obra. Nosso muito obrigado a Rafael Peixoto Barros, Roberto Amaral Franco, Michele Franco, Cássio Leandro Alvim, José Barbosa Filho, Joselito Barbosa Filho, Venâncio Santos Mendes, Marco Aurélio Pereira de Oliveira, George Almeida, Mônica Moraes, Alessandro Moraes, Ana Márcia, Petry Lordelo, Ivanildes Maria, Tyta Santos, Nivaldo Oliveira Souza, Gutemberg Oliveira Peixinho, Aldo Dias Cunha Brandão, Leonardo dos Santos Conceição, Ugo Cantalino Tavares, Ulisses Castro. Agradecemos à Associação Cultural dos Espadeiros Bonfinenses (ACESB), principalmente ao seu presidente Darlan Valverde dos Santos, e aos membros da Associação de Incentivo à Cultura Junina Cruzalmense (AICJC). É importante agradecer à Fundação Pedro Calmon que esteve sempre disposta a contribuir ao longo da confecção de nosso trabalho.

A obra destina-se a toda população, sem restrições. Contudo, direciona-se, especialmente, às pessoas comuns que aprenderam a arte da produção das espadas para festejar nos dias de São João,



mas também para manutenção de suas vidas com as vendas das mesmas para o público. Além de valorizar a Guerra de Espadas enquanto manifestação cultural baiana, essa proposta tem a intenção de documentar histórias e memórias que são contadas através de gerações pela oralidade.

A Guerra de Espadas vive!

Filipe Arnaldo Cezarinho
Outono de 2021






PREFÁCIO

Todos os anos no São João, já tem bom tempo, assistia na TV imagens de objetos esvoaçantes, serpenteando fagulhas em plena cidade. Em meio à fumaceira, figuras vestidas de uma quase armadura. Calças grossas, botas, luvas, chapéus e até capacetes. Meio vaqueiro, meio astronauta. E muita correria, gritaria e salto de banda. As cenas, inusitadas para um paulista, vinham da boa terra, da Bahia. Era a Guerra de Espadas. Uma "guerra", tradição, folguedo, tantas coisas juntas, que agita várias cidades: Cruz das Almas, Senhor do Bonfim, Cachoeira, Conceição do Almeida, Muritiba, Governador Mangabeira, Serra Preta e o Periperi, bairro soteropolitano. As espadas, é certo, voam também em outras paragens.

Não se discute suas origens. Nem no tempo, nem no espaço. Para seus praticantes devotos, a guerra sempre existiu. Passou de pais para filhos, filhas e assim por diante. Fazer espadas de fogo exige um saber fazer. É trabalho duro, cheio de etapas e manhas, transmitido em traquejo e palavras, no fundo de muitos quintais. De quem sabe, para quem se quer fazer aprender.

Por mais que pareça só festa, a espada ajuda a viver. Põe comida na mesa, traz coisas de precisão. É labor comunitário. Sem reunião, tem espada não. Não deixa ninguém rico, mas dá alegria e satisfação. Imagino o bambuzal. É muita espada. Feitas com materiais do lugar, dos matos, das roças, por mãos calejadas.

Se São Pedro manda bom inverno, tem milho, mandioca, batata doce e feijão. Fatura de mantimento e vida, celebradas no São João. Nesse mundo rural, cada vez mais urbano, nascem também as espadas. Tão bem apresentadas por Filipe Cezarinho e Tábata Dourado. Em seu valor histórico, cultural e econômico. Um trabalho que percorreu diferentes fontes: jornais, fotografias e experiências de vida, para mostrar detalhes de uma tradição e de uma prática, cujo ponto alto é o São João. Nessa tarefa, compreendem a Guerra de Espadas como um patrimônio, baiano e brasileiro. Mesmo que, não de hoje,




a tradição seja perseguida por poderes diversos, almejando controlar o povo mais simples, suas idas e vindas pela cidade, seus saberes, gostos e crenças. Que em nome de uma modernização excludente, quer fazer da cultura popular uma fora da lei. Nessa perspectiva, a Guerra de Espadas ganha contornos de resistência, inspirada pelas experiências individuais e coletivas de espadeiros e espadeiras.

A lida das espadas inicia meses antes do dia do santo. Tempo marcado pelo agito e solidariedade. Materiais para fabricar as "bichas" por vezes faltam. Além de mãos para dar conta na hora do arrocho. Mas, de repente, tudo aparece: bambu, pólvora, gente socando. Na expectativa da festa, trocas, dádivas, partilhas. Como o mundo devia de ser. O licor e os quitutes ofertados pelos anfitriões, são retribuídos com uma espada. Bem precioso, símbolo de respeito, gratidão e identidade.

É muito trabalho por meses, para tudo se queimar num dia só. E no grande dia, o mais longo do ano, já na alvorada, as espadas flamantes chamuscam as primeiras paredes e calças. As ruas, aos poucos, ganham personagens paramentadas para os combates. Uma vez acesa e lançada, a espada se liberta. Percorre o chão, se eleva ao céu, num zigue zague medonho, feito um cometa que zune, não sem rumo. Os iniciados na arte contam que as espadas acossam quem delas tem medo. Quando a guerra aperta é entrar pela porta aberta. Tomar fôlego, licor e voltar para o fogo.

Dizem que as espadas, agora proibidas, têm dias contados. Qual o quê! Ana Espadeira desmente com fé. Exibe orgulhosa, tatuagens de várias guerras. Para espadeiros e espadeiras da gema, não se queimar é ser pagão, é não ter batismo de fogo. As coruscantes espadas adentram territórios proibidos, abrem caminho para desfrutar a cidade. Sua luz desagrava as desditas cotidianas. Mesmo que por um dia, rompe muros invisíveis, sapeca limites e afrontas. No São João é a forra, a catarse. Licor e espada, fogo dentro, fogo fora.

Entre a neblina da pólvora, rabeios e estrondos, muita gente se esbarra e se atraca, nem sempre por mero acaso. Uma ardida tatuagem, requer um doce cuidado. A guerra tem seus romances. E também



seus acertos de contas. Broncas e desavenças surgem na espada por cima, na espada bomba, direto no desafeto. Vinganças de São João. O santo é bom, mas não gosta de covardias.

A Guerra de Espadas tem suas coreografias. Cada um dança de um jeito. Jotapê, mestre espadeiro, é quem diz: "a espada tem seus tempos". E dominá-los, requer paciência, como tudo na vida. O vivido e representado na Guerra de Espadas, talvez se resuma no dito de outro mestre: Rei Cônsul - "O fogo espanta os males".

Espada neles!

Valter Martins



CENÁRIOS DA GUERRA DE ESPADAS NA BAHIA

O calendário baiano, de certo, tem o São João como divisor. O ano notoriamente se parte em antes e depois de junho, com o marco maior no dia 24. Falamos de coisas sérias em termos de prosa. A visão límpida se esforça e insiste em não querer dormir; o paladar, penetrante, arrebatava sabores conhecidos, inesquecíveis, se confundindo na teia de relações instadas à boca; o tato, tendo a pele molhada e marcada, vivifica no tempo a doce arte da paixão que vibra no interior do corpo; o olfato experimenta o ímpeto da carne substanciada por horas a fio nas ruas da cidade; a audição entende que é ocasião de escutar o som das Deusas rodopiantes que aparecem de ano em ano para alegrar e aliviar a lida sofrida de um povo.

Cruz das Almas, Senhor do Bonfim, Cachoeira, Bravo (Serra Preta), Conceição do Almeida, Muritiba, Governador Mangabeira, Periperi (em Salvador) são apenas alguns dos lugares que se abrem para o ritmo do fogo das espadas. O que diferencia baianas e baianos de todos os outros espaços. São pessoas felizardas por essa peculiaridade. “Para quem prefere algo diferente, tem encontro de folgedos no Piauí, bumba-meu-boi no Maranhão, festival de quadrilhas em Fortaleza, [...] e um grande evento de rua em Belo Horizonte”¹. Mesmo existindo em algumas cidades de Sergipe, foi aqui onde tudo começou.

Ele começou alterando algo que acontecia em todos os cantos da geografia brasileira e até europeia. A criatividade impulsionada pela necessidade de destacar-se fez com que surgisse, na Bahia, o que chamamos de espadas. Posso estar errado até aqui, talvez me falte tempo e sagacidade de um bom estudioso e longos anos entretido em arquivos empoeirados e tomados por fungos, mas digo-lhes que esse é um termo que primeiro aparece nas circunstâncias política, administrativa e cultural de nosso estado. Do busca-pé extraímos as forjas das espadas de fogo. Essas, constituídas dos elementos da natureza, transmutaram-se em um dos nossos maiores patrimônios.

Aberto o mês junino, o correjã está a todo vapor. Não nos esqueçamos da Alvorada que na passagem


de maio para junho é presenteada com o animar das chamas de nossas espadas. Todavia, desde abril a população move-se em busca dos bambus, gramínea extraída “das matas regionais de Cruz das Almas e de municípios adjacentes como Governador Mangabeira, Muritiba, Sapeaçu, Conceição do Almeida e São Felipe”², mas também de outras regiões do estado. Lembro-me quando passei uma madrugada inteirinha cozinhando dúzias de bambus numa caixa de geladeira. A labuta também se realiza dentro das perigosas locas de argila. Poucos são os destemidos que se aventuram nesses empreendimentos, pois o medo de serem enterrados vivos não se esvai da mente. De lá se retira o barro que será utilizado nas espadas. A vida de espadeiro não é fácil. Poderíamos falar de todo o processo que ainda envolveria o sisal, a pólvora e a fabricação das espadas em si, quando do seu enchimento, além de detalhes outros que não nos convém tratar aqui.

Caminhar pelas vias da urbe é dar de frente com bambus dividindo espaços com pedestres nos passeios. É abaixar-se para não se bater com o barbante encerado e pregado de uma árvore a outra. É esparramar o barro bruto sob o sol aguardando da sua secagem para depois pilá-lo. É ouvir o tubuco, tubuco, tubuco do macete de madeira adentrando madrugada nos fundos dos quintais. É sentir o cheiro da animação com os testes das pólvoras. É observar, na hora de sentir a força das espadas, se estão com bom arrojo, estourando ou fracas, mijonas. Também é temporada propícia para empréstimos de materiais entre espadeiros. Socador, pilão, macete, pólvora, barro que sobrou, bambu que não foi utilizado, tudo pode ser conseguido a partir das relações de solidariedade, amizade e cumplicidade entre essas pessoas, até mesmo a mão de obra dos espadeiros para ajudar aquele amigo que não conseguiu finalizar suas próprias espadas. Talvez, nunca estivéssemos tão próximos de uma perspectiva onde o privado se dilui e o coletivo se eleva.

Toda essa movimentação pelas ruas faz pulsar as veias da cidade. O coração traduz-se nas

2 PEIXOTO, Rafael Caldas Barros. **A Guerra de Espadas em Cruz das Almas**: cultura, turistificação e estigmatização. 134 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira, 2012. p. 28.





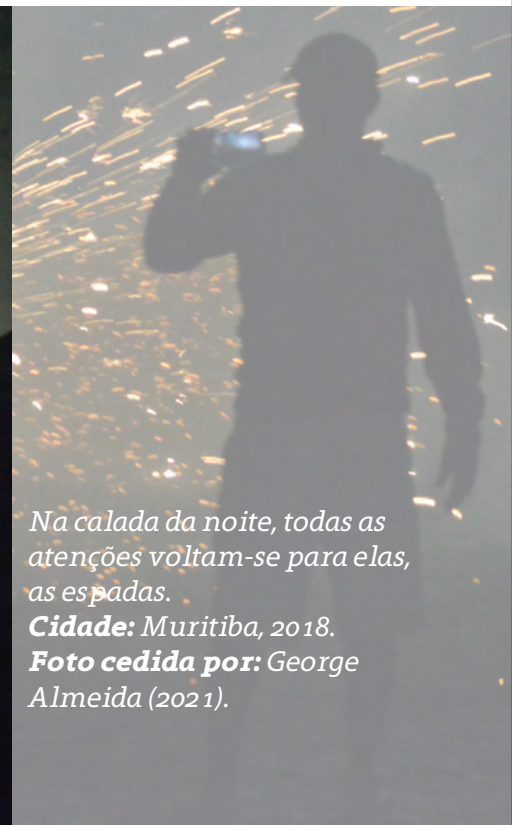
casas sempre lotadas de um vaivém de pessoas esplendoroso. Assim, todos os órgãos funcionam em harmonia. Portas abertas para os licores, a canjica, o amendoim, o bolo de milho e fubá, a laranja descascada e pronta para ser degustada e o forró dançado com total alegria. Familiares chegando dos lugares distantes. Os amigos vistos há um ano. Que momento bom; que tempo feliz. Muita gente se aproveita para tirar a barriga da miséria. Come de tudo e ainda leva para viagem. Sem contar nas doses de licor oferecidas sem cobrar um tostão sequer. Bom para aquelas pessoas que não têm um puto na carteira. A comunhão se realiza e os valores comunitários se efetivam.

Mas não pode fazer desfeita por onde se passa. Em respeito aos anfitriões e anfitriãs, cruzam-se as chamas das espadas que rodopiam e fazem a alegria de todo mundo. Oferecer uma espada à dona ou dono da residência também é importante, acredito que é essa a verdadeira troca de tudo o que foi consumido ali. Todos à rua, é hora de continuar andando ao som da trilha sonora nordestina, da bebida regional e da queima das espadas. Acompanhado de seus familiares, amores e amigos, as pessoas perambulam o dia inteirinho fazendo guerras por onde passam. Quando o perigo aumenta, basta adentrar por uma porta aberta e aguardar a calmaria chegar. Dessa maneira o dia vai passando e a noite chegando.

No escurecer do dia, as rajadas dão o tom da noite. As coisas se intensificam e muita gente começa a descarregar toda a sua produção. O êxtase e a plenitude irrompem dos corpos de cada um. Ao mesmo tempo, e com as horas passando, os olhos começam a lacrimejar, encontramos espadeiros e espadeiras cansados e sentados nos batentes dos passeios ou encostados nas paredes das casas de amigos e familiares. Chega o momento da despedida e com ele vem as lembranças tanto do dia findo que se passara como daquelas pessoas que não mais estão presentes em matéria. Contamos as histórias de nossos avós, pais e mães, tios e tias, irmãos e irmãs, primos e primas, amigos e amigas, maridos e mulheres. Pessoas que nos acompanharam por longos anos e nos deixaram aqui para manter viva a nossa maior manifestação. São por essas pessoas que continuamos a sair pelas ruas em dias de São João com nossas espadas flamantes em mãos.

Revivemos as memórias que nos foram legadas e assim retroalimentamos nossas vidas. Ao trazê-

las, proporcionamos a chance para que possam gozar do prazer de mais uma vez experimentar as chamas das espadas que tanto lhes trouxeram alegria e felicidade, ou seja, que tanto aprenderam a amar. Por fim, passado o dia 24, retornamos às nossas vidas e casas e aguardamos silenciosamente pelo próximo ano que não tardará em chegar. E lá estaremos prontos, preparados para dar significado ao que somos até que passemos a ser rememorados pelos que darão continuidade à nossa tradição, a Guerra de Espadas.



Na calada da noite, todas as atenções voltam-se para elas, as espadas.

Cidade: Muritiba, 2018.
Foto cedida por: George Almeida (2021).



Espadas tocadas na mão, de peito e braços abertos, como quem tudo espera e nada teme.

Cidade: Senhor do Bonfim, 2018.

Foto cedida por: Ugo Cantalino Tavares (2021).



Alessandro Moraes e Mônica Moraes na Rua da Vitória. O poder de manobrar o fogo é aprendido desde muito cedo por espadeiros e espadeiras.

Cidade: Cruz das Almas, 2009.

Foto cedida por: Alessandro e Mônica Moraes (2021).



*Guerra de Espadas, em
Conceição do Almeida, na
rua do antigo mercado,
em 1987. O fluxo, na
época, dava-se na Praça da
Matriz, seguindo pela Rua
José Leandro Gesteira e
alcançando o mercado.*

Cidade: Conceição do
Almeida, 1987.

Foto cedida por: Rafael
Peixoto (2021).

*Marco Aurélio Pereira de Oliveira e Venâncio Santos Mendes na
Guerra de Espadas. Amizade se forja dentro do fogo.*

Cidade: Serra Preta, 2018.

Foto cedida por: Marco Aurélio Pereira de Oliveira (2021).





Rua enfeitada para abrilhantar ainda mais o cenário da guerra.

Cidade: Cachoeira, 2018

Foto cedida por: George Almeida

ATREVIDAS SÃO AS ESPADAS

Desde outrora, existe em diversas cidades da Bahia uma peculiar tradição que mexe com fogo.

- *Cuidado com o fogo, menino, falava mainha.*

Há tempos me dizia que quem brinca com fogo faz xixi na cama. Agora eu entendo. Basta chegar o dia de São João para se aperceber disso. É tanta aflição que toda hora a gente quer ir ao banheiro. Bom, de toda forma, brincar de pular as atrevidas espadas parece ser mais interessante.

Elas são feitas de bambu, barro e pólvora. Tudo artesanal. Precisa ter mãos fortes para suportar as dores dos calos. Também precisa ter muita disposição para aguentar meses a fio em um processo exaustivo. O meu padraсто José Barbosa disse que o comprimento das espadas é parecido com o de uma régua escolar e o seu diâmetro se assemelha ao da lata de refrigerante. Garante que chegam a pesar 500 g. Ele é espadeiro esperto, sabido, pois sabe executar todos os passos para fabricar as famosas espadas: extrai o barro, cozinha o bambu, encera cordão, cessa o barro, pila pólvora e bate espada. Ufa! É muita coisa. Para se ter uma ideia, demora-se um tempo enorme para fabricá-las.

É tanta gente se aventurando com as espadas de fogo nos dias de São João. Arroçadas como são, elas dispõem de bastante criatividade e perspicácia. Digo isso porque é comum vê-las deixando marcas nas paredes das casas e do comércio. Parece até que estão regozijando de nós. Algumas das marcas são como sorrisos banguelos. Outras se alongam de um extremo ao outro das casas. “Os estabelecimentos comerciais colaboram cobrindo suas vitrines e o mesmo fazem os particulares, com suas janelas”³, evitando que as atrevidas entrem e façam um verdadeiro rebuliço no interior de suas habitações.



São usados madeiras, telas e papelões, por exemplo. Eu não sei, mas tem vez que eu nem reconheço a fachada da casa da vizinhança de tanto papelão pregado. Só sei que quando o dia 24 de junho vai embora a cidade está toda pintada. Confirmação de uma boa brincadeira.

Querendo ou não, as espadas de fogo são pensantes. Astutas e com habilidade de voar, elas logo miram em uma morada e acertam com toda força as telhas das casas alheias. Normalmente elas caem onde não são bem-vindas. É tipo uma represália, vingança. Quando isso acontece, minha amiga e meu amigo, saiam de perto. Faz-se uma verdadeira balbúrdia ali dentro. Às vezes essas visitas acontecem sem avisar e nem é culpa das espadas, pois elas já estão apagadas. Acho que o verdadeiro culpado disso é Newton. Contudo, têm momentos que elas avisam. Sabe como? Assim: shu, shu, shu, shu. O aviso é tão alto que até surdo consegue ouvir. Tem vez que o aviso vem antes mesmo dela voar. O sinal é um assobio altíssimo “chamado pelos maragogipanos de fiau”⁴. O nome que se dá é relativo, depende de cidade pra cidade. O bom mesmo é quando ela termina de voar e começa a cair. Nessa hora todo mundo corre parecendo que avistou um objeto desconhecido no céu. É um bate cabeça doido de tanto olhar pra cima buscando saber onde a bendita espada vai desfalecer.

Mas as espadas são atrevidas porque também gostam de aporrinhar as canelas das pessoas. Queimam as calças das moças e dos rapazotes, além de correrem atrás de quem tem medo delas. Antes que eu me esqueça, as espadas são tão atrevidas que até “o poder espiritual, representado pelo padre José de Souza Neiva”, em Cruz das Almas, “já ficou sitiado durante um bom par de horas na praça principal, espremido contra um oitizeiro, vendo as espadas macularem sua sotaina reverendíssima”⁵. É uma esculhambação só. A gente gosta. Elas vêm ziguezagueando, salientes, parecendo cobra doida pra dar o bote. Todo mundo se prepara e pula. Tem hora que a matemática do pulo falha de tanto licor tomado e o resultado se vê nas canelas. Sabe aquela dor que te leva no inferno e depois te traz de volta?

⁴ Nordeste mantém viva a tradição das festas juninas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1974.

⁵ NOBLAT, Ricardo. Sai da frente! **Veja**, 4 jul. 1979. p. 48.



É essa mesma. Você fica mancando por algumas horinhas, mas logo passa. Quem manda encher a cara de licor e ir brincar de espadas? Dá nisso.

- *Menino sai de trás da árvore, mainha dizia.*

Oxe, tá aí outra coisa que aprendi que não se deve fazer. Vejo isso acontecer com os turistas. As pessoas não conhecem como funciona e preferem ficar beirando as árvores, cheirando madeira e achando estar seguras. A espada quando é boa nem pensa duas vezes, trombeteia no canto da parede e vai de encontro ao sujeito espremido no tronco da mangueira. É coisa de doido. Só se vê o sujeito pulando pra tudo que é lado, torcendo para se safar, e a gente rindo de se acabar.

Em algumas ruas mais apertadas, onde as casas são menores e as portas de pouca largura a coisa fica engraçada. Foi lá no Pulo do Bode que aconteceu. Na hora em que o negócio começou a trançar de espadas, minha tia saiu correndo para dentro da casa de pessoas desconhecidas e acabou entalada na porta. Cena de filme. Os próprios moradores não conseguiram entrar na casa devido à circunstância. Foi um entrave doido. Sem falar que quando minha tia desentalou, correndo das espadas atrevidas, ainda bateu a porta na cara dos que tentavam entrar, deixando os próprios donos do lado de fora da residência. Apesar de pequenas, as casas do Pulo do Bode são humildes e receptivas. Naquela rua morava dona Nice, senhora que tanto gostava de mim e de meu irmão. Sua morada, na época junina, abria-se para a produção das espadas em seu quintal. Era uma diversão maravilhosa. Espero que ela esteja em um bom lugar!

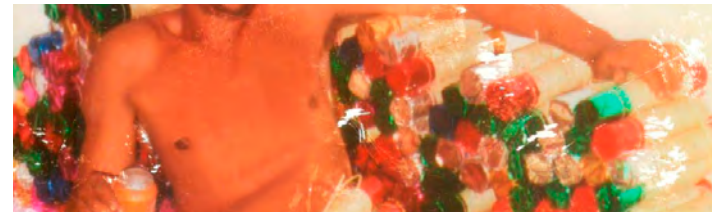
Enfim, as atrevidas, além de cafuentas, realizam um verdadeiro espetáculo de som, luz e adrenalina. Os sons são como músicas aos ouvidos, mas que dá medo em bastante gente que se diz corajosa. Já o brilho flamejante das espadas clareia as cidades nas noites de São João. A adrenalina nos mantém constantemente apertados, com vontade de ir ao banheiro.



No dia 25, se observa a ressaca das espadas pelos chãos. São milhares por toda a cidade e que



começam a ser coletadas por trabalhadores e trabalhadoras que no dia anterior estavam com elas em mãos aproveitando o São João. Só que, agora, a espadas estavam em silêncio. As marcas observadas nas paredes são como obras de arte. Sem falar que deixam uma saudade apertada no fundo do peito quando são apagadas. Têm pessoas que preferem mantê-las nas portas de suas residências, assim podem rememorar as traquinagens e contar como tudo aconteceu com um largo sorriso na cara e os olhos cheios d'água.



Joselito Barbosa Brito, filho de dona Nice, deleitando-se sobre suas espadas prontas após meses de trabalho árduo.

Cidade: Cruz das Almas, 1987.

Foto cedida por: Joselito Barbosa Brito, (2021).



Não adianta correr. Se jogou, vai receber de volta.

Cidade: Cruz das Almas, 2002.

Foto cedida por: Alessandro e Mônica Moraes (2021).

O que faz um espadeiro?

É a bota?

O casaco de couro?

O chapéu?

Não.

É o sentimento que permanece quando o fogo rompe toda essa indumentária e nem a dor do barro quente abrindo a pele tira desse sujeito o êxtase e o orgulho.

Marcos Vinícius de Azevedo Moraes (In memoriam).

Cidade: Cruz das Almas, 2001.

Foto cedida por: Mônica Moraes (2021).



No ritmo do fogo. Para lá, para cá, cuidado com a espada, ela pode te queimar.

Cidade: Cachoeira, 2018.

Foto cedida por: George Almeida (2021).





Ora somos luz, ora somos meras sombras.

Quem define é a rainha.

Uma vez acesa, é a espada que dita quem brilha e quem se apaga.

Tal qual o rebento que criamos para o mundo, ao sair de nossas mãos, o espetáculo é dela!

Cidade: *Senhor do Bonfim, 2018.*

Foto cedida por: *Ugo Cantalino Tavares (2021)*








ANA ESPADEIRA E SUAS TATUAGENS

De sobrenome peculiar, Ana Espadeira percorre todo ano sete freguesias em busca de cidades que realizam a Guerra de Espadas.

- *Eu venho do fogo.*

Foi o que nos disse. Nascida de um parto atípico, veio ao mundo em plena Batalha de Espadas. Isso só faz pensar que era desejo de sua mãe tê-la em fogo cruzado. E assim se sucedeu em Amargosa. Ser da pele preta, cabelo crespo, queixo levantado e dona de si. Com sua mochila de couro empregada em suas costas, é assim que ela visitava e ainda visita os recônditos mais inusitados. O objetivo é colecionar tatuagens. Diferentemente das gentes comuns, a nascida do fogo procura outros meios para marcar o seu corpo. Ana, em 1982, foi vista participando da “divertida e perigosa guerra de espadas, que todos os anos leva dezenas de ‘guerreiros’ ao hospital com queimaduras de 1º, 2º e 3º graus”, nos municípios de “Cruz das Almas, Senhor do Bonfim e Serrinha”⁶. Não sei o que aconteceu, mas naquele 24 de junho apenas homens foram parar nos hospitais.

Ana Espadeira não perde tempo. Conforme notícias vindas das bocas ligeiras, fofocagens que espalham rumores por longas distâncias, boa parte de seu corpo já apresenta marcas feitas pelas rajadas de fogo das espadas. Mas também são anos e mais anos de experiência com a tradição. Não apenas nasceu em meio à guerra como foi criada e crescida ali. Ainda na adolescência que tomou a decisão de ter a sua própria história cravada em seu corpo através do fogo. Determinada, Ana atravessou a Bahia inteirinha. Tantas e tantas aventuras e amizades conquistadas.



- *É cansativo, mas eu gosto*, disse-nos Ana Espadeira.

Cabe salientar que não é toda espada que alcança o corpo de Ana Espadeira. Como aprendeu com sua mãe e seu pai, a espada que tocasse o seu corpo, deixando-o assinalado para todo o sempre, deveria ser bem produzida. Nem bomba; nem cobrinha.

- *Eu gosto de espada boa. Não me venha com cobrinha pra cima de mim*, contou-nos.


Assim que a fama de Ana continua correndo por toda cartografia baiana fazendo com que os espadeiros mais conhecidos se preparem para surpreendê-la no dia principal de São João. Como ela não diz onde estará, é sempre uma surpresa a sua chegada. Há, quando do seu aparecimento em alguma cidade de forma inusitada, a queima de diversos fogos e, é claro, um ritual de abertura onde todas as pessoas presentes fazem um corredor no centro da rua com suas espadas acesas. Ana Espadeira sempre é recebida assim pelas pessoas e nos lugares em que chega.

- *É uma festança danada, tu precisa de ver!*

Seguiu nos contando com muito orgulho.

- *Me sinto feliz em saber que muitas pessoas estão ansiosas por minha chegada*, afirmou Ana.


Pouco falamos, até agora, sobre suas tatuagens. De antemão, garantimos que para Ana Espadeira suas inscrições são como troféus, joias preciosas, dádivas. É como se fossem símbolos que dão sentido



à vida dessa espadeira. Digo porque muitos jornais não entendem essa peculiar relação que muitas pessoas têm com as espadas. Falam mal sem conhecer. E isso deve ser causado por meio das notícias veiculadas nos jornais que sempre tratam as queimaduras como mutilações aos corpos. Pensam até que espadeiras e espadeiros são irracionais. Quem já viu isso?

Bem, Ana Espadeira tem uma tatuagem bem visível em seu olho esquerdo. Contou-nos sobre como a conseguiu com um sorriso aberto mostrando seus belos dentes brancos e gesticulando pra todos os lados. Relatou que estava na Praça Senador Temístocles, em Cruz das Almas, no fundo da Igreja Matriz, quando uma espada daquelas, ou seja, bastante afoita, emboscou-a no canto da parede de um galinheiro onde as pessoas curiosas e medrosas se espremiavam querendo assistir a Batalha de Espadas que tinha começado. Astuciosa, Ana Espadeira balançou as cadeiras como se gingasse na capoeira e conseguiu desviar-se da primeira iniciativa da espada. Na segunda tentativa, a atrevida espada já tinha entendido que não estava lidando com qualquer uma. Manteve a estratégia circundando-a e esparziu mais um golpe de chamas sobre o corpo de Ana. Contudo, a roupa e os braços protegeram sua face das limalhas vibrantes. Quase chegando ao seu fim, a espada opera uma última tentativa, sendo que nessa o sucesso seria inevitável. Foi assim que recorreu aos céus. Ao subir com a força de propulsão das flamas luminosas, acertou como um golpe o olho de Ana Espadeira, demarcando, inicialmente, com uma cor preta da pólvora todo o seu rosto. Só mais tarde, quando limpava a sua marca, tinha percebido que ganhara a mais importante tatuagem de toda a sua história.

Não para por aí. Alcançado o seu objetivo, Ana seguiu para Senhor do Bonfim em busca de novas emoções. Não sei como ela chegou lá tão rápido, pois de Cruz das Almas para Senhor do Bonfim, em linha reta, são, aproximadamente, 272 km. De toda forma, lá a brincadeira é um pouco distinta. A Guerra de Espadas acontece com as tais Fogueiras de Ramos que “são árvores arrancadas por inteiro, recheadas de prendas em suas copas e ‘replantadas’ nas ruas. Em seus caules são montados feixes de lenha que



irão servir de combustível para a animação, cujo ápice se dará quando da sua derrubada, após a queima de sua base”⁷. As prendas são variadas, tem de tudo: jaca, dinheiro, bicicleta, celulares, roupas, sapatos, vestidos, sacos de bolachas e até garrafas de cachaça para felicidade da pinguçada.

Ana Espadeira, deparada com tamanho desafio, animou-se imediatamente. Mas pera aí! Ainda não lhes contei tudo. São nas ruas Umburana e Costa Pinto que o bicho pega. É no abrir do entardecer que a brincadeira começa. Põe-se fogo na fogueira e as pessoas mais apressadas querem logo comê-la crua, ou seja, catar os prêmios antes da árvore tombar. Eis que os grupos de espadeiros e espadeiras aparecem para defesa, soltando espadas em quem se adiantar no ponto. O fuzuê é grande: grupos pra lá, grupos pra cá, Fogueiras de Ramos queimando e muita gente brincando. Ana Espadeira, desafiadora que só, vai em busca da jaca que estava bem no olho da fogueira. Mesmo em chamas e ainda de pé, ela foi. Do nada, começou a chover. Foi chuva de fogo por todo lado. Ana logo se arrependeu e decidiu aguardar um pouco mais.

- Não vou te enganar, pensei que seria derrubada com tantas espadas, disse.

O tempo foi passando, a árvore principiava sinais de que iria ruir. Pronto, agora começava a gritalhaçada e a esculhambação na luta pelos melhores prêmios. O coro comendo e Ana atrás da bem-aventurada jaca. Foi assim que, distraída em seu objetivo, a espada de seu Adel marcou as duas pernas de Ana Espadeira. Pense numa espada braba. A bicha deixou uma lapada de 3º grau e saiu como se nada tivesse acontecido em busca de novas vítimas. O melhor veio depois. No fim da Guerra, Ana sentou-se com algumas pessoas que ajudaram a limpar a sua tatuagem e, em troca, ela dividia a jaca com quem ali estava.

Dar conta de todas as tatuagens de Ana Espadeira seria como escrever um livro. Existe uma história para cada tatuagem. São marcas nas mãos, pés, braços, costas, bunda, barriga e muito mais.

⁷ WANDERLEY, Rodrigo Gomes. **Guerreiros do fogo**: uma etnografia da “morte anunciada”. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2016. p. 48.

Deixaremos, então, para outra oportunidade. Sua fama ecoa, reverbera. Ana continua a buscar novas jornadas e marcas pelos interiores peculiares da Bahia. Do sertão ao recôncavo. Vive sua vida com a certeza de que a Guerra de Espadas é a realização de sua identidade. Ana não é qualquer mulher ou qualquer ser. Ana é Espadeira!



A espada passa de mão em mão, casa por casa, rua a rua. E assim como o sangue em comum que pulsa nas veias, ela atravessa gerações e demarca a linhagem espadeira. As três irmãs: Ivanildes Maria, Cássia Maria e Flávia Maria.

Cidade: Cruz das Almas, década de 2000.

Foto cedida por: Ivanildes Maria (2021).



Tyta Santos espadeira da Esquadrilha da Fumaça. Não se intimida, enfrenta o fogo e quem mais vier.

Cidade: Cruz das Almas, 2010.
Foto cedida por: Tyta Santos (2021).



Michele Franco na Praça Senador Temístocles em plena Batalha de Espadas.

E nesta extraordinária e desafiadora passarela, esta é a representação da beleza. Ostentação da coragem e orgulho de vestir e manusear o costume de sua gente.

Cidade: Cruz das Almas.
Foto cedida por: Roberto Amaral Franco (2021).



Espadeira Sônia Alvim. Nas ruas tomadas pelas chamas da alegria, só uma coisa brilha mais que as limalhas de fogo: os sorrisos festejantes.

Cidade: Periperi, Salvador, 2011

Foto cedida por: Cassio Leandro Alvim Pereira (2021).



As mulheres espadeiras também formam seus bandos. Montam-se, se abastecem e largam o fogo às ruas com a bravura e desprendimento de quem não aceita o rótulo do que é ou não “coisa de mulher”.

Cidade: Cruz das Almas, 2010.

Foto cedida por: Ana Márcia (2021).



ARTIMANHAS DA RESISTÊNCIA

Não é preciso tanta imaginação para se aperceber que a Guerra de Espadas é tradição que remete ao medievo. Sim, isso mesmo. “Uma adaptação baiana das guerras na Europa medieval”⁸. Apesar dessa influência, eu gosto de achar que a brincadeira daqui se assemelha com a brincadeira de Nejapa, em El Salvador, a Guerra de Bolas de Fogo. Lá o embate é entre São Jerônimo e o Diabo. Os rostos são pintados e as roupas ajudam a camuflar seus corpos. As bolas flamejantes fazem referência ao vulcão que forçou a mudança populacional para outra cidade. Um grupo ao norte e o outro ao sul; é assim que a brincadeira começa. Aqui, também, as coisas se parecem com o festival anual que reverencia os Deuses da guerra na Índia. Pedacos de madeira são lançados pegando fogo contra quem participa. É insano. E ninguém se veste com roupas de couro ou jeans. Com um tipo de lungi e sem camisa, os guerreiros vão à guerra.

Vistas as semelhanças e diferenças, eu ainda acredito que aqui as coisas não se dão como referências somente à natureza ou à condição religiosa. Na Bahia, as disputas se efetivam num campo específico da matéria. Uma contradição entre classes. Digo isso porque li e ouvi muitos relatos de mulheres e homens. Coisas que me fizeram lembrar do velho barbudo. Acho que ele teria orgulho da Guerra de Espadas. À medida em que eu for proferindo, vocês vão juntando as peças do quebra-cabeça.

Desde quando eu nem me entendia por gente as tentativas de frear a Guerra de Espadas foram constantes. Prestem atenção a esse primeiro caso. Agradeço ao saudoso Rei Cônsul por ter me ensinado. Sua fama na cidade continua impecável e é em sua homenagem que abrimos esse primeiro espaço. Isso aconteceu pras bandas da década de setenta, quando o doutor Abel quis coibir a tradicional festa em Cruz da Almas. Chamou a polícia para ajudar, mas muito poucos eram para empenhar. Não foi de boca a boca, teve decreto e tudo. Conto como foi.


Proibiu-se a queima das espadas no São João. Entretanto, todos já tavam com elas feitas em suas

casas e prontos para o combate. Uma surpresa alienável. Comentando pelas esquinas, estratégia se arregimentou. Um salto de inteligência espadeiros e espadeiras preparou. Guardaram suas espadas em respeito ao decreto. Porém, este muito dizia sobre o São João e pouco dizia sobre São Pedro. Atentos a isso, o couro comeu em São Pedro e nada pôde fazer o coitado Abel. Com apenas um jipe da polícia para proibir a tradição, escolheu cegar-se e ficar calado para que não fosse novamente envergonhado.

As tentativas dos doutores continuam até hoje, só que com outras personalidades. Teve o Cris. Esse quis se aparecer, em 2011, e proibiu a Guerra na cidade. Desde então muita gente deixou de produzir as espadas nas vias públicas, rompendo com toda a solidariedade horizontal que existia entre espadeiros e espadeiras. Isso não quer dizer que as coisas acabaram. Passou-se a confeccionar nos campos onde é mais difícil a visita forçada de policias. Digo forçada por saber que muitos deles gostam do fogo. O que importa é que nem todo mundo teve a oportunidade de odiar o Cris, pois ele caiu no silenciamento e esquecimento histórico. É mais um que passou. Agora nós temos outro doutor que se diz Rei. Não quero ser chato, mas Rei aqui em Cruz das Almas só tem um e sempre será lembrado: Rei Cônsul. O restante está mais para simulacro, uma cópia defeituosa que usa o Direito como arma para satisfação de seus interesses pessoais, mas sem deixar de afirmar que suas posições são pautadas pela neutralidade, essas balelas que a gente ouve e finge acreditar.

Não é difícil, nem complexo; é claro e evidente. Todo esse rebuliço dos empreendedores morais tem o objetivo de domesticar, amansar ou domar os guerreiros e as guerreiras da Guerra de Espadas. O medo é de que possam usufruir dos espaços da urbe como nunca tiveram a oportunidade. Até mesmo o risco de equilibrar as forças sociais. Não estão entendendo? Calma, eu explico. Foi conversando com o espadeiro Joel que logo me veio o velho barbudo na cabeça. Interessado em soltar suas espadas na Rua dos Poções, um dos lugares privilegiados para manifestação do fogo da tradição, ele deu de cara com viaturas da polícia e foi obrigado a esconder suas espadas debaixo de um carro estacionado. Porém, logo irritou-se quando, da saída dos policiais, viu que filhinhos de papai, advogados etc. e tal, continuavam





tocando espadas. Ora, era o momento de se igualar e disputar o espaço da rua com aqueles que no cotidiano da vida ordinária gozam de privilégios enquanto outros sofrem com as ausências de direitos básicos. Ali haveria de ter respeito recíproco. E Joel o impôs.

Penso que muita gente que toca espada tem a mesma sensação. É nesse contexto que as pessoas podem sentir-se enquanto donos de suas ruas, de seus bairros e da própria cidade. Sim, é isso mesmo. “A Batalha de Espadas, como momento mais importante das comemorações juninas, era a ocasião mais aguardada, sobretudo por ser a ocasião em que os espadeiros saíam pelas ruas para manusear os fogos. Além disso, tornava-se o momento da partilha [...]”⁹ onde todas as pessoas brincavam em comunhão, havendo possíveis conflitos, é claro. Resistir ao ódio é manter intacto o organismo que dá sentido à existência. Tradição não é morte; tradição é vida. Fica o recado.

Esqueci de mencionar a juíza Aroh, aquela do caso dos gêmeos em Cruz das Almas. Caso esse que demonstrou o sentido comunitário de espadeiros e espadeiras, mas revelou, acima de tudo, como subverter a lógica do discurso da verdade. Sim, foi. A juíza mandou os jovens acender e tocar a espada enquanto ela filmava. A notícia correu de leste a oeste chegando aos ouvidos de muita gente importante e desimportante. Bom, ela negou veementemente que tinha falado tais coisas aos infelizes. Só sei que tem aquele ditado: “uma mentira contada mil vezes, torna-se verdade”. Mentira ou verdade, não importa. O que vimos foi a força do povo destituindo a imponência do poder de uma poderosa pessoa naquele momento. Assim como os outros, ninguém mais lembra dela.

Tudo isso nos leva a conceber a existência de uma classe, de valores comuns que foram produzidos ao longo de muito tempo. Falei logo no começo que aqui as coisas são de cunho material. Continuo acreditando nisso. Só lembrar que espadeiros e espadeiras utilizam as espadas enquanto meio de

9 OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Entre a cruz e as espadas**: práticas culturais e identidades no São João em Cruz das Almas. 177 f. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual da Bahia – Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2012. p. 103.

existência não unicamente de suas identidades, mas das vendas das mesmas para pagar dívidas, mobiliar suas casas, sobreviver.

Não é hipérbole. “Foi através dessa transmissão de conhecimento feita na oficina, local de trabalho, através da vontade de aprender ou da necessidade financeira, foi que a fabricação das espadas disseminou pela cidade”¹⁰ principalmente nas décadas de 70 e ao longo dos anos 80. Ali que as experiências de suas vidas eram compartilhadas, intercruzadas, conectadas. A lida, a labuta, a estafa em todo o processo produtivo gerou sentidos de união. Por fim, não cabem mais palavras; a não ser a do verdadeiro Rei que nos legou histórias e memórias, pois “cara feia, abaixo-assinado? Tradição não tem quem mate. São João é festa de fogo e o fogo espanta os males”¹¹.



Na alvorada ou no crepúsculo, os corpos lá estão. Despidos, emperiquitados, desfilam, festejam, guerreiam. Tem de tudo. Tem para todos.

Cidade: Cruz das Almas, 1998.

Foto Cedida por: Mônica Moraes (2021).





A vida também é resistir.

Cidade: Senhor do Bonfim, 2017.

Foto decida por: Ugo Cantalino Tavares (2021).



Reza-se por São João; reza-se pelas espadas.

Cidade: Senhor do Bonfim, 2018.

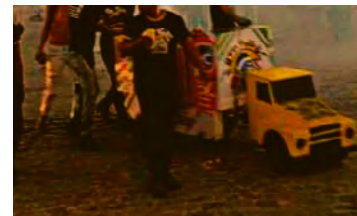
Foto cedida por: Ugo Cantalino Tavares (2021).



Espadeiro consciente luta pela vida. E a vida é a tradição.

Cidade: Cruz das Almas

Foto cedida por: Petry Lordelo (2021).



A folia na Bahia tem várias facetas. A alegria é a intersecção entre as festas populares de rua e os vários elementos se misturam. Tem trio, tem adereços, tem alegorias, irreverência, música alta e gente dançante, mas o espetáculo fica por conta do pedaço de bambu que anda sozinho.

Cidade: Cruz das Almas, 2003.

Foto cedida por: Leandro dos Santos Conceição (2021).





*A batalha de sombra e luz. Não há vencedora ou vencedora.
O contraste entre elementos que se opõem e se potencializam.*

Cidade: *Senhor do Bonfim, 1999.*

Foto cedida por: *Nivaldo Oliveira Souza (2021).*





*Imagem vencedora da
premição Motorola,
Mobgraphia:
relatos noturnos.*

Cidade: *Senhor do
Bonfim, 2017.*

Foro cedida por: *Ulisses
Castro (2021).*

TORNAR-SE ESPADEIRA E ESPADEIRO

- E aí eu toquei aquela espada. Era a sensação de que eu, agora, realmente fazia parte daquilo.


Nos disse Maria em conversas sobre a Guerra de Espadas ao lembrar de sua iniciação na década de 80, ainda com seus 10 para 11 anos de idade. Concebida em São Paulo, vivida em Cruz das Almas, desde muito criança se interessou pelos movimentos da tradição. Agitações, murmurinhos, ansiedades e nervosismos faziam parte do alvorecer de junho e tomavam conta da cidade. Embebecida do desejo de participar da festa, assistia seus familiares mais velhos no vai e vem em todos os preparativos.

- Dentro de nossa família sempre houve mulheres e homens que tocaram espadas.

Disse-me com um semblante orgulhoso. Esperta e sediciosa, Maria logo quis obter o estatuto de espadeira. Não é novidade. Quem não gostaria de manusear uma rainha? Se você não sabe, a molecada toda da cidade começa sua vida no ramo tocando os pequenos coriscos. São criaturas viradas no Diabo. Bem menores em dimensão e tamanho que as espadas, saem numa lascada de velocidade que cês nem imaginam. Dessa maneira que as crianças iam se integrando ao meio, além de aprender em determinados espaços da produção. Esse engajamento é substantivo. Primordial para tornar-se da turma. Ahh... como é bom ver a criançada lamentar aos pés dos mais velhos a pedido de uma mão de pólvora para bater seus besouros. Mandam logo raspar os pilão com o resto que ali ficou prensado.

Alguém já havia narrado que há, porém, diferenças de posições nas etapas de produção entre meninos e meninas; entre rapazes e moças; entre homens e mulheres. As meninas são direcionadas às





tarefas que exigem menor desprendimento de força física. Em muitos casos, “as mulheres ficam com o embelezamento das espadas e contribuem, principalmente, nos momentos finais da feitura”¹². Com os meninos não tem isso não. Isso não significa dizer que as mulheres são passivas. Maria não ficava para trás. Metia a mão na massa, ou melhor, no barro e ajudava em seu cessar. Gostava tanto do perfume da pólvora que nas temporadas juninas virava fragrância favorita. Era só encostar nela que você logo sentia o fedor do demônio.

Nas Batalhas de Espadas, quando já crescida, fazia-se presente em quase todas. Até a polícia ela enfrentou.

- Você é muito ousada. Agora você vai de viatura porque você é muito ousada!

Foram as palavras administradas pelo policial que a guiou à delegacia em 2004.

A contenda foi grande e a história tem que ser resumida. Maria bateu boca porque queria tocar espadas em local proibido. A valentia foi tamanha que o policial achou melhor encarcerá-la.

- Ele me levou mais pela minha ousadia do que por estar tocando espada naquele lugar.

Foi o que ela disse.

Aí que começou o fuzuê. O povo todo foi pra porta da depol aporrinhar a vida do delegado. A turma começou a balançar o portão da delegacia e Maria, como se nada estivesse acontecendo, ria, mandava beijos com a mão esquerda e acenava com a mão direita dando a entender que tudo seguia

12 CEZARINHO. Filipe Arnaldo. Homens e mulheres na Guerra de Espadas em Cruz das Amas – BA (1980-2018). In: CLÁUDIA, Priori; PEREIRA, Márcio José. **Os estudos de gênero e seus percursos**: intersecções possíveis com a história pública. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 48.

bem. O jeito foi abrir para negociação, pois populares estavam em estado de animosidade aflorava, quase adentrando aos chutes para tirá-la como um troféu carregado pelas mãos do povo. O delegado que trabalhava de plantão, chateado por não estar se divertindo no meio das espadas, acabou soltando Maria que ainda foi capaz de causar inveja no pobre coitado, pois sabia ele que ela voltaria à diversão.

Maria se tornou uma espadeira que não comia reggae de ninguém. Quebrou as expectativas da boa moça que deve cotidianamente controlar suas emoções e não desvirtuar seus atos. Muito disso ela deve à Guerra de Espadas, foi o que nos contou:

- Eu me sinto livre quando seguro uma espada.

Não é apenas Maria que experimenta essas sensações. Tonga, lá de Cachoeira, revelou para nós.

- Sou o homem da rua no São João. Minhas espadas são as mais grossas e potentes.

Falou-nos em pleno festejo junino. Tonga, ao que tudo indica, vive atormentado com os valores viris. Obriga-se e é obrigado a desempenhar o papel de espadeiro que tem a espada robusta e alongada. Zombeteia de outros espadeiros que não são dotados de tais preceitos. Esses, com suas espadas mijonas, pouco têm a argumentar. Quando da lida de retirada do bambu, é o primeiro a buscar os gomos mais graúdos. A gente só não sabe se isso é uma tentativa de superar atributos físicos inexistentes em si mesmo ou dele querer ser o machão o tempo todo. Bom, o mais importante é que as suas espadas, muitas vezes, acabam virando bomba, o que tem colocado Tonga numa posição desconfortável frente ao pessoal. Nem mulheres e nem homens querem estar no meio da rua quando ele chega. Todo mundo corre porque sabe que Tonga está atormentado pelo desejo de ser mais espadeiro do que os outros e, por isso, suas espadas estão mais agressivas e acabam explodindo na gente.

Esse ano se passaram e Tonga parece ter mudado de ponto de vista. Se apercebeu que não precisa provar a força de suas espadas a ninguém e que o mais importante de tudo isso é a diversão e confraternização com as pessoas. Não à toa, passou a ser bem visto. Agora, suas espadas dançam tranquilamente pelo chão. Mulheres vão atrás delas para pular e até pegam com satisfação em pleno rabeio. Claro, os homens também. Tonga tornou um cara aberto, acessível, ou seja, facilitou "as conversas em volta da fogueira, as guerras de espadas e busca-pés, as adivinhações e brincadeiras de salão, o quentão e a pipoca e o casamento na roça"¹³. No fundo, no fundo, ser espadeiro e espadeira é coisa que se aprende ao longo de toda a vida. Espero que minhas filhas ou meus filhos também possam aprender a se tornar espadeiros (as).



*Roberto Franco e Rosângela Franco.
De irmão para irmã os ensinamentos perpetuam-se.
Cidade: Cruz das Almas, 1985.*

Foto cedida por: Roberto Amaral Franco (2021).



O trabalho sorridente, o esforço que dá gosto.

Cidade: Cruz das Almas, 1982 ou 1983.

Foto cedida por: Roberto Amaral Franco (2021).

Aldo, referindo-se ao seu filho, disse: "Ele é louco por espadas".

Cidade: Governador Mangabeira, 2018.

Foto cedida por: Aldo Dias Cunha Brandão (2021).



A aprendente e o exercício da "distância segura". Segura de si, sente o vibrar crescente da espada que, na hora exata, avisa que precisa tomar seu rumo.

Cidade: Cruz das Almas, 2009.

Foto cedida por: Mônica Moraes (2021).



Os breves segundos em que ela finge ser dominada. A chama cresce, o tocador se envaidece e a danada salta fazendo todos dançarem conforme seu passo.

Cidade: Cruz das Almas, 2003.

Foto cedida por: Leonardo dos Santos Conceição (2021).





O FOGO DAS PAIXÕES ESPADEIRAS


Longe de mim querer brincar com fogo. Aliás, com fogo até brinco, mas com santo não brinco não. Ainda mais se for santo junino. Não resisto a pensar que o mês de junho é o resumo de uma intensa e fogosa paixão que começa com a esperança jogada para Tonho e termina na viuvez do amor perdido por Pedro. E entre a alvorada do primeiro dia de junho e o vinte e nove da fogueira de despedida, são muito sabores de licor provados boca a boca, muito forró dançado agarradinho no pulsar das veias e, claro, muito fogo. Fogo nas mãos e corpos dos casais espadeiros que paqueram, tocam e se queimam juntos.

Nesse sentido, lembramos da esperteza de alguns espadeiros ou espadeiras que deixam-se queimar em plena batalha para recebimento dos cuidados daqueles ou daquelas com as quais desejam se afoitar. A forma de cuidar começa com a limpeza da queimadura. É preciso esfregar o local para que saia toda a pólvora da espada e não provoque consequências maiores. Aí é que tá. Na pretensão de não fazer sua paquera sentir dor, a esfregada quase não limpa o ferimento de tanta leveza. Porém, é preciso força e energia na hora de usar as mãos.

É verdade. Certo ano eu e meus familiares estávamos andando pelas ruas em pleno dia 24 quando uma espada queimou o queixo do meu irmão. Claro, ele estava de atrevimento para com uma belíssima garota chamada Priscila. Ela, vinda de Salvador para curtir o São João em Cruz das Almas, estava na casa de nossos vizinhos defronte. Foi aí que a jovem decidiu de vez se aproximar dele e ajudar na limpeza de seu ferimento. Todo mundo rapidamente percebeu e deixou que os dois se resolvessem. Ouvia-se dele em alto e bom tom:

- Ai que delícia!





As esfregadas da moça pareciam estar surtindo efeitos variados...

Nas ruas, arenas das batalhas de fogo, concorrem também as batalhas de olhares, destas em que os participantes não buscam vencer, mas se entregar. Valendo-se da sensualidade da rainha do fogo, quem não quer sentir a força destabilizante da espada e quem sabe no movimento de driblar a limalha acabar caindo aos braços do olhar que se avistava em meio à fumaça? Tudo pode, tudo é válido. O que não pode é deixar João passar sem sentir na pele o gozo da aventura propiciada pelo ofegoso inverno junino.

Engana-se quem pensa que se perde o charme quando não é possível manter a vestimenta impecável. A beleza está nos trajes especialmente postos para fazer esquentar o frio junino e resistir à guerra. A bota, o chapéu, camisas reforçadas, são indumentárias indispensáveis dos homens e mulheres que seduzem com os gestos e expressões não muito sutis, compondo o apimentado jogo da conquista em meio às espadas. O charme está agora na batalha de coragem, ousadia, força, como se buscassem domar a voracidade da roliça e viril espada de fogo.

Aí, as histórias das paqueras juninas podem desembocar nas cinzas do amor que apagou junto com as fogueiras ou vão resultar em beijinhos ao pé da cama do amor queimado, marcado pela espada e pela brasa da paixão ardente. Mas a quentura não passa fácil, perdura um tempinho, até virar cicatriz sólida, tal qual tatuagem que celebra e eterniza o amor de São João.



Nas palavras do nosso amigo Petry: "ombro a ombro, nas batalhas, mantendo as chamas sempre acesas".

Cidade: Cruz das Almas, 2008.

Foto cedida por: Petry Lordelo (2021).

Assim disse Michele Franco:

"Aprendi a encarar o medo das espadas com meu eterno namorado. A nossa parceria é pra tudo".

Cidade: Cruz das Almas, 1998.

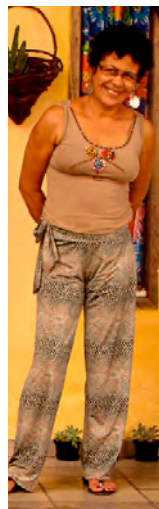
Foto cedida por: Roberto Amaral Franco (2021).



Nas palavras do estimado João: "Pra ter animação na festa, S. João só presta, puxando fogo".

Cidade: Cruz das Almas, 2009.

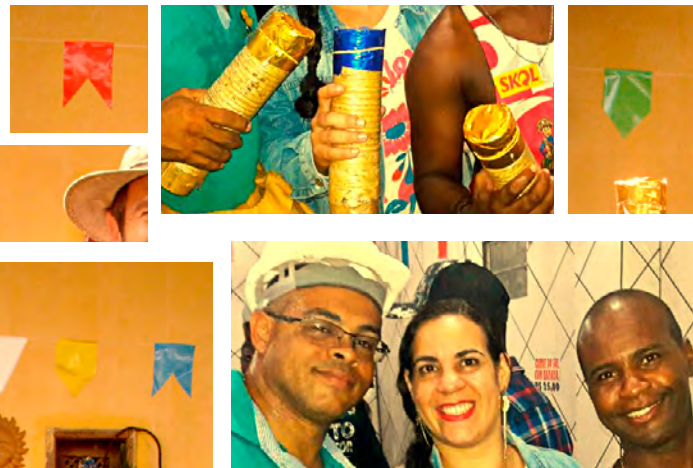
Foto cedida por: Petry Lordelo (2021).



Em junho, há quem dê flores, há quem dê espadas.

Cidade: Governador Mangabeira, 2018.

Foto cedida por: Aldo Dias Cunha Brandão





CONTENDAS EM TEMPOS DE SÃO JOÃO

Mesmo sendo momento de alegria e comunhão, o São João não significa a suspensão dos conflitos cotidianos entre a população. Na verdade, pode-se observar ingredientes outros que são adicionados às discordâncias e aos destemperos momentâneos. Sem dúvida alguma, tais discórdias são intensificadas ou solucionadas com o fogo das espadas. Em alguns casos, a presença policial faz-se acionada; em outros, o povo mesmo que resolve. Deixe-nos contar-lhes um pouco sobre as confusões desabrochadas antes, durante e depois do São João.


Já era dia sete de julho do ano de 2010, quando os irmãos Thai e Fabri resolveram perturbar o sossego alheio com suas benditas espadas que sobraram das festas juninas.

- *Agora é hora, Fabri, da gente se vingar daquele corno*, falou Thai.

Com olhar vibrante e sorriso maculado, respondeu Fabri:

- *Ele vai me pagar*.

Ambos estavam nas imediações do Bar do Periquito, na rua Rui Barbosa, no abrir da madrugada. Matutando estratégias de vingança contra seu adversário, deslocaram-se da rua Desidério Brandão, onde residiam, e açambarcaram uma dúzia de espadas, dividindo-as em seis para cada, e deram exequibilidade ao plano. Por não ser período de festas de João, evitaram ser vistos a todo custo. Um dos irmãos parecia ser mais detalhista:




- *Fabri, olha ali pra cima, tem uma câmera*, disse Thai.

Driblaram todo tipo possível de vigilância e alcançaram a residência de seu opositor que tinha, em meio a Batalha de Espadas, lançado uma espada por cima que acabou acertando o pobre Fabri pelas costas. Como todo mundo sabe, espada é coisa que se joga pelo chão, por baixo, dando espaço para que provoque pulos dos transeuntes que ali estão para diversão. Foi assim que tudo começou. A pancada recebida por Fabri foi sentida por Thai que logo quis revidar. Porém, Fabri é mais contencioso e preferiu abaixar a poeira, ou melhor, a fumaça para que só depois, de fato, pusesse as coisas em dia.

Chegada a circunstância, cada um dos irmãos acendeu duas espadas de fogo e os sinais foram sentidos no leito aconchegante onde dormira aquele que covardemente tivera ferido Fabri. O anúncio foi feito por quatro belos assobios que não apenas acordaram o infeliz do seu sono, como também atiçou todas as pessoas que residiam por perto. Foi Sha, sha, sha pra lá; foi sha, sha, sha pra cá. As primeiras espadas atingiram a porta e as paredes recém pintadas com o a passagem do São João. Como deveriam agir com certa destreza, foram ao passeio do desgostoso adversário e juntaram mais seis espadas num pede galinha. A rua toda acordou. Alguns gritavam de felicidade e outros gritavam de infelicidade.

O pé de galinha funcionou demarcando todo o passeio e parede da residência com nova pintura de cor enxofre. Atordoado pela ameaça que estava sendo estabelecida ao seu domicílio, o sujeito ligou para a polícia que imediatamente fez-se presente à rua. Mas ainda faltavam duas espadas que seriam tocadas pelos irmãos e aplaudidas por cinco ou seis moradores que também não gostavam do covarde vizinho. Assim, com certa irritação, o adversário se juntou aos policiais que tiveram que receber duas espadas em chamas mandadas pelos irmãos. Era polícia pulando pra tudo que é lado. O inimigo de Thai e Fabri tentava, a todo custo, pegar as espadas dos irmãos em rabeio para mostrar que eles não eram de nada. Rindo, Fabri comentou:



- *Olha lá Thai, não é que as bichas tão boas mesmo!*

- *Tomara que queime os polícia também,* respondeu Thai.

Não adiantou coturnos e calças. As espadas deixaram as pernas de dois policiais marcadas e o inimigo dos irmãos, vestido com suas ceroulas e meias, teve o que merecia.


Infelizmente, os irmãos foram colocados na viatura e transportados à delegacia sob as palmas dos moradores que elogiaram as espadas e, não menos importante, a vingança contra o vizinho de que pouco gostavam.

Outra contenda podemos lhe conta. Tudo aconteceu no dia 24 de junho de 2009. As personagens envolvidas foram: de um lado, o senhor Gil e seu amigo Bug; do outro, o senhor Carlito de Tal e seu filho Véi.

Isso ainda era cedo, cerca de umas 11 h da manhã lá na Tabela. A Tabela é um bairro em Cruz das Almas que costuma ter muitas espadas. E as coisas foram se sucedendo. Bug, amigo do senhor Gil, resolveu alegrar a rua acendendo uma espada. Notado de que deveria avisar que iria soltar a bicha rabeante, esqueceu-se de argumentar. Pegou a alegria do povo de surpresa. Ou seja, a vizinhança em peso não teve sequer tempo para colocar as cadeiras de plástico pra dentro. Viu-se sandálias de dedo partindo com as topadas nos paralelepípedos, foi licor sendo desperdiçado ao cair no chão, ou seja, só deu tempo de catar os braços das crianças e jogá-las portão a dentro de casa.

Sabidos do que tinham acabado de fazer, senhor Gil e Bug esperaram a espada acabar o rabeio para pedir desculpas ao pessoal. Nesse ínterim que tudo aconteceu.

- *Vixe, Gil, a espada deu uma rasteira no senhor Carlito de Tal,* afirmou Bug.



- *Vamos se preparar para o que vier*, responde Gil.


Senhor Carlito de Tal, homem conhecido pela sua fama de valentão em todo bairro, foi à lona. Não deu outra. Ao levantar-se, entrou ofegante e furiosamente em sua residência de alvenaria e sem titubear seguiu para o quarto onde guardava carinhosamente o facão que tinha herdado de seu pai e este de seu avô há longos anos. Assustado, seu filho Vêi, sem entender do caso, fez coisa pior. Para defender seu pai, pegou no alto do guarda-roupa uma pistola calibre 12 e a escondeu na cintura sob a camisa em suas costas.

- *Espera, meu pai, que eu vou com o senhor*, falou Vêi.

As águas rolaram. Quando Gil e Bug dirigiam-se à casa de Carlito de Tal para pedir desculpas sobre o acidente, ambos foram recebidos a contragolpes de facão. Gil foi acertado na altura da cintura do lado direito causando-lhe escoriações evidentes. Bug parecia ter mais agilidade com o corpo e conseguiu safar-se. Foi aí que o segundo contragolpe veio. Vêi sacou a arma calibre 12 e solfejou tiros para todos os lados: bang, bang, bang... Bastou um lapso momentâneo para que Bug acertasse o filho valentão com um rabo de arraia pelos meios do queixo levando-o, também, ao chão. Vendo a arma voar e cair metros de distância de Carlito de Tal e Vêi, senhor Gil aproveitou, montou em sua pop 100 e com o braço esticado alcançou a arma que caíra ao centro da rua desaparecendo com a mesma.

- *Vaza Gil, vaza*, era o que gritava Bug.

Dias se passaram e apesar das ameaças constantes pela perda da arma por parte de Vêi, os quatro homens não tiveram coragem de novas ações diretas.



Enfim, lembramos aqui de uma terceira história que envolveu Carla. De antemão, jamais negue uma espada a qualquer mulher. É caso recente.


- *Meti a mão na cara daquele mentiroso*, alegou Carla.

A mão metida foi na face do espadeiro Tonho. Tonho passara meses do ano prometendo algumas espadas a Carla que esperava ansiosa por esse momento. Com intenções mais profundas sobre a moça, o sabido espadeiro cortejava sempre que podia ao som de uma única ladainha: São João está chegando e quero ver você tocar espadas. Carla, claro, que ainda não tinha tocado uma espada em sua vida acabara cedendo aos ritos de carinho e atenção do bom espadeiro.

Passados dias e meses, assim chegava o mês de junho. E a primeira demonstração de que algo estava errado foi logo na Alvorada em plena Rua da Feira, em Conceição do Almeida. Já com boa parte de suas espadas prontas, Tonho tocou naquela madrugada cerca de 2 dúzias e nada de Carla ter a sua iniciação. Daí que ela começou a desconfiar de que estava sendo enganada pelo espadeiro, mas naquele momento ainda era cedo para qualquer atitude. Chateada com Tonho, Carla voltou para casa sem dar um afago apertado nele. Insistente, Tonho desconversava e alegava que suas espadas ainda estavam em processo de teste e que não a deixou manuseá-las, dizia ele, pelo seguinte motivo:

- *Não fique triste, eu só queria te proteger*.

Carla não comia nada daquilo e jurou dar o troco se caso acontecesse novamente. E aconteceu em pleno dia 24, na mesma Rua da Feira. Completamente preparada para a Guerra de Espadas, a iludida subiu a ladeira usando chapéu, bota, capote e calça de couro. Desfilava pelo centro da cidade ao lado



de Tonho na crença de que tinha chegado o seu momento de manejar uma espada de fogo. Já Tonho, todo sem jeito, pensava e pensava. Ele, na realidade, não desejava dar meses e meses de trabalho árduo a ninguém, até mesmo a Carla, mulher com quem estava buscando se relacionar.

Chegando à Rua da Feira, disse a Carla:

- *Fica aí atrás que vou barrar fogo em duas espadas para entrar na Guerra.*

Respondeu:

- *Eu também quero acender uma.*

Foi no silêncio de Tonho que Carla passou a criar raiva. Percebeu que estava sendo enganada todo esse tempo. Esperou somente a aproximação dos amigos dele para dar seu golpe de vingança. A iludida desferiu um potente tapa na cara de Tonho que arremetido tombou bela ladeira e rolou até o seu fim. De lá de cima, Carla tinha recebido uma espada para tocar de espadeira desconhecida. Foi assim que enquanto Tonho ainda se preparava para se erguer, recebeu pelas fuças a espada jogada com toda raiva. Os amigos de Tonho caíram na gozação e a vergonha veio à tona. Tonho pediu desculpas, mas nada adiantou. Carla tinha sido iludida por meses e nem mesmo o despertar de sua paixão por ele foi suficiente para mantê-los unidos. Isso só prova que as espadas podem unir ou separar. Portanto, com espadas não se brinca!



Os três espadeiros!

Cidade: Muritiba, 2018.

Foto cedida por: George Almeida (2021).



Vem pras chamas!

Cidade: Cachoeira, 2018

Foto cedida por: George Almeida (2021).



Assim como no interior, a capital da Bahia também arde em chamas no São João.

Cidade: Periperi, Salvador, 2011.

Foto cedida por: Cassio Leandro Alvim Pereira (2021);



São João, a festa feita por muitas mãos

Cidade: Senhor do Bonfim, 2018.

Foto cedida por: Ugo Cantalino Tavares.





*No São João tudo
pode acontecer.
Tem chuva de
todo tipo.*

Cidade: Senhor
do Bonfim, 2018.
Foto cedida por:
Ugo Cantalino
Tavares (2021).





O sertão é lugar de gente forte.

Cidade: Serra preta, 2018.

Foto cedida por: Venâncio Santos Mendes (2021).





O dono da rua.

Cidade: Cachoeira, 2018.

Foto cedida por: George Almeida (2021).

Contra armas, espadas!

Cidade: Senhor do Bonfim, 2018.

Foto cedida por: Ugo Cantalino Tavares (2021).

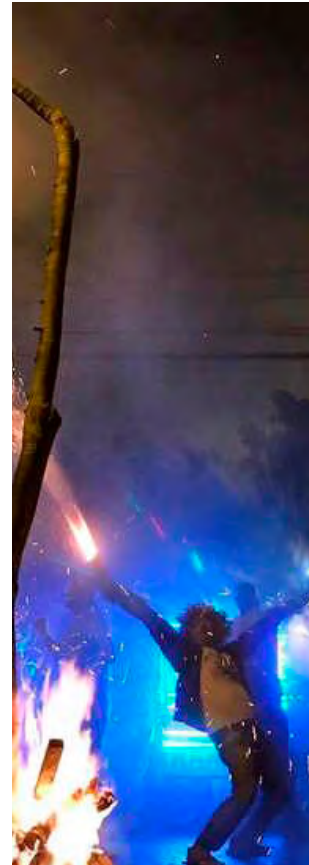




Se a Fogueira de ramos pega fogo, a felicidade é certa.

Cidade: Senhor do Bonfim, 2019.

Foto cedida por: Guto Peixinho (2021).



Os MESTRES, OS APRENDENTES E A PEDAGOGIA DAS ESPADAS

Das palavras do experiente Jotapê extraímos alguns ensinamentos que muito sabiamente nos transmite. Relata com a firmeza de quem assimilou uma cartilha ou, mais que isso, de quem aprendeu a ler o mundo a partir das espadas. Não à toa, leva como profissão a habilidade de “faz tudo”, destes trabalhadores que resolvem qualquer problema com a perspicácia e artimanha de quem muito aprendeu com a vida.

- *Não fogueteiro. Eu sou espadeiro, diz ele.*


O mestre começa destacando que tanto no fabrico quanto na participação nas batalhas de espadas há que se compreender os ciclos, os estágios a seguir com dedicação e coragem para evoluir na trilha do se tornar um espadeiro “de verdade”. O Jota aprendeu cedo que para ir do besourinho à espada grande tem que aprender muito e observar com respeito as gerações experientes.

- *E tem que ter coragem, nos contou sorridente.*

Bem como no processo da feitura de uma espada em que se colhe, corta, cozinha e apronta o bambu, os aprendentes das espadas de fogo crescem, experimentam, queimam-se...

- *Aqui só se tira o bambu quando a lua permite. Tem que respeitar a natureza, falou ele com bastante firmeza.*





Os espadeiros em formação se aprontam para chegar ao “rito de passagem” que é sentir o peso e a força ao acender uma espada adulta e ainda melhor quando se faz a própria espada. E, assim como cada um tem seu modo e sua receita de fazer, há também modos diferenciados de tocar. Embora tenham ensinamentos que nunca mudam e os espadeiros saibam cedo o que fazer e não fazer, ali na Rua ou na Praça, onde a magia acontece, muita coisa pode rolar, indo desde a disputa despreziosa entre as mais belas e chamejantes limalhas às fervorosas batalhas de força e poder das rainhas do fogo.

A Praça, aquela que todo interior tem a principal, e as Ruas, aquelas a que todos se dirigem guiados pelo cheiro de pólvora e pelos sons das espadas, ganham um sentido peculiar, especial. São as arenas dos guerreiros e guerreiras populares que, no mês de junho, deixam de ser logradouros que endereçam as importantes repartições e vias que levam às instituições imponentes. Quem não é daqui, lembra Jotapê referindo-se à população que chega a Cruz das Almas vinda de diversas partes do país para trabalhar ou estudar, não concebe que a Rua no São João é nosso palco vivo. Até se assusta.

- *Querido e querida, quem vem de fora tem que respeitar os limites do fogo, ou seja, tem que prestar deferência aos donos e donas do São João, falou Jotapê.*

- *E quem são esses donos e donas? Perguntamos.*

Respondeu-nos com um riso de canto de boca:

- *Espadeiros e espadeiras!*

E enquanto acumulava saberes sobre paciência, cuidado e coletividade, com as limitações que foram ocorrendo ao passar dos anos, os mestres e os aprendentes desenvolvem também os

conhecimentos de como driblar as proibições. Sabem os lugares certos, a melhor hora, os caminhos alternativos e até a “cara” que se faz para não ser pego de supapo. Tudo isso construído junto com outros, pois todo espadeiro tem seu bando e são todos um bando só. Antigamente, como nos conta Jotapê, os grupos saíam às ruas e tinham até nome: Puxando Fogo, Curtindo a Vida, Bidum Society e Esquadrilha da Fumaça são só alguns deles. Não havia o medo de se expor, pelo contrário, saíam para serem vistos, admirados. Hoje, aprenderam a se esconder e se disfarçam para não serem presos, carregando em suas essências a ética e os ensinamentos dos que cresceram aprendendo a ser espadeiro “de verdade”.

E seguem, assim, compreendendo os limites impostos, porém encorajando-se como quem aprendeu a se esquivar da chama que não lhe era familiar. Sabem bem identificar o “fogo amigo”. Aliás, qual espadeiro ou espadeira não sabe? E mais ainda, na escola das espadas são patentes as habilidades de esperar, compreender os processos, ter paciência. Quem tem a oportunidade de crescer sentindo o cheiro de jenipapo que só depois de meses vai virar licor; vendo as garrafas limpas no quintal esperando a bebida aprontar; vendo o barro secando na porta da rua... sabe o que é respeitar as etapas e processos. E sabe também que nas espadas nada se faz sozinho. Os grupos se dividem e quem tem mais força serra, bate, aperta. Outros escovam, enceram, enfeitam, organizam as penças de dúzias. E todos saem às ruas para usufruir e extravasar suas alegrias ao fim do trabalho de meses, do suor de muitos. Porque Jotapê, o espadeiro que muito aprendeu e agora ensina, assim como o seu grupo, sabe qual o seu lugar e sabe o lugar onde a vida do seu povo pulsa, brilha e resiste.



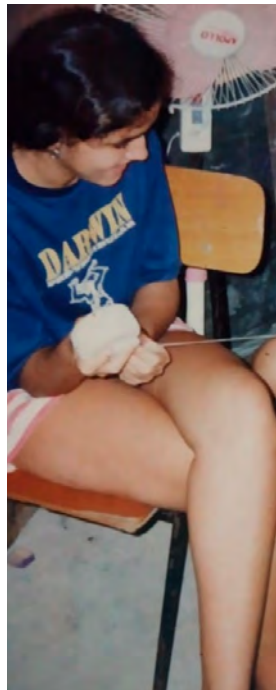


*Caixa de geladeira para cozinhar o bambu.
A sabedoria de quem consegue reutilizar o
que não mais seria utilizável.*

Cidade: Cruz das Almas, 2010.

Foto cedida por: Petry Lordelo (2021).

*Lorena Moraes e Mônica Moraes na produção.
A estação permite alegria e união; encontros e despedidas.
Por mais encontros.
Cidade: Cruz das Almas, 1994.
Foto cedida por: Mônica Moraes (2021).*





Manolo e Georgio Moraes. Irmãos que batem espadas unidos, permanecem unidos.

Cidade: Cruz das Almas, 1994.

Foto cedida por: Mônica Moraes (2021).



Pila, pila o carvão até chegar ao ponto.
Cidade: Senhor do Bonfim, 2015 ou 2016.
Foto cedida por: Nivaldo Oliveira (2021).



Do mais velho ao mais novo. Ritos de ensinar e aprender.

Cidade: Senhor do Bonfim, 2015 ou 2016.

Foto cedida por: Nivaldo Oliveira (2021).



Enche ela de pólvora, enche!
Cidade: Senhor do Bonfim, 2015 ou 2016.

Foto cedida por: Nivaldo Oliveira (2021).





*Filhos de Cássia Maria: aprendentes do fogo.
Se vier, tem!*

Cidade: Cruz das Almas, década de 2000.

Foto cedida por: Ivanildes Maria (2021).

Um artista que se orgulha e exibe sua obra ou... o sujeito que não corre do perigo, repousa tranquilamente sobre ele. Não há o que temer quando o perigo é seu modo de estar vivo!

Cidade: Governador Mangabeira, 2017.

Foto cedida por: Aldo Dias Cunha Brandão (2021).



Espadeiro Gilson Antônio Ribeiro Peixoto (in memoriam) e sua mãe, Josefa Ribeiro Peixoto (in memoriam), com as espadas prontas para serem comercializadas e tocadas.

Gilson aprendeu a arte da confecção das espadas com seu avô, Zezinho Ribeiro, que era fogueteiro e fazia busca-pés.

Cidade: Conceição do Almeida, 1970.

Foto cedida por: Rafael Peixoto (2021).







Em total contato com a natureza na loca de barro. Espadeiros não têm medo da morte, pois sabem que a qualquer momento podem ser enterrados vivos.

Cidade: Cruz das Almas, anos recentes.

Foto cedida por: Leandro dos Santos Conceição (2021)

GLOSSÁRIO

Alvorada – Madrugada que demarca a passagem do mês de maio para junho. Espadeiros e espadeiras costumam inaugurar o novo mês tocando espadas pelas ruas.

Assobio – São poucos os espadeiros que dominam esse tipo de procedimento. A partir de uma mistura de materiais – ácido pícrico, nitrato de potássio e sulfato de magnésio – é constituída uma massa que será colocada no começo da espada para, quando acesa, projetar um alto assobio denunciando a vinda da espada.

Batalha de Espadas – Em alguns lugares, como no caso de Cruz das Almas, a Batalha de Espadas acontece somente no dia 24 de junho com horas para começar e acabar, além de deflagrar-se na Praça Senador Temístocles. Essa é a diferença entre Batalha de Espadas e Guerra de Espadas, estando esta última associada a toda dinâmica que envolve

tanto a produção das espadas quanto de sua deflagração pelas ruas durante toca das espadas.

Besouros – Feitos de cano PVC e de pequenas dimensões. Produzidos por crianças que anseiam alcançar o momento de confeccionar suas próprias espadas.

Bomba – Na dinâmica da Guerra de Espadas, espada bomba é aquela que explode por ter sido mal produzida. Dois motivos principais podem acarretar na explosão: o primeiro, fragilidade das camadas de barro e pólvora prensadas na hora de bater as espadas; segundo, quando as espadas são furadas para terem mais força e não suportam a pressão em seu interior ocasionando a detonação. Bomba, portanto, é uma forma de depreciar as espadas dos espadeiros que as produziram de forma errada; e homem-bomba é a classificação desses espadeiros. Se falam assim: “joga essa bomba”, “lá vem bomba”, por exemplo. Muitos são os que lamentam e choram por suas espadas não terem dado certo naquele ano.

Cobrinhas – São espadas com pouco poder de arroj. Tal termo é uma analogia aos fogos de artifício denominados cobrinhas, sendo usadas por crianças.

Coriscos – São muito menores que as espadas e podem ser feitos tanto de bambu quanto de cano PVC. Quando de bambu, é porque foram comprados, provavelmente, em alguma barraca de fogos; quando de cano, pode ter certeza que os suspiros das fossas foram “extraviados” por crianças em busca da confecção de seus endiabrados coriscos.

Galinheiro – Armações feitas de madeiras, papelões e telas para que pessoas assistam a Guerra de Espadas. Muitos bares montam seus galinheiros no intuito de receber turistas e pessoas da própria cidade que gostam de assistir as espadas com maior proteção.

Macete – Assemelha-se a uma marreta. Porém, é todo de madeira, com pesos variados que chegam

até 2 kg. É utilizado no ato de prensar o barro e a pólvora no interior do bambu. São conduzidas, aproximadamente, 150 pancadas por cada espada.

Mijonas – Nomenclatura utilizada para fazer referência às espadas fracas ou espadas que possuem pouca força ao serem soltas. São apanhadas facilmente por espadeiros e espadeiras no chão.

Socador – Barra de ferro com tamanhos e diâmetros variados. O espadeiro submete o socador ao impacto do macete que, conseqüentemente, faz surgir camadas prensadas de barro e pólvora dentro da espada. Considera-se um dos momentos mais importantes da fabricação das espadas. Uma espada mal batida, ou seja, com as camadas de barro e pólvora folgadas, poderá, no ato da queima, não suportar a pressão e soltar as camadas de barro e pólvora em chamas.

Tocar espadas – Fala-se em tocar espadas por ter relações com o ato de tocar um instrumento



musical. Diferente de outros fogos que queimam, as espadas são tocadas.

Espada rainha – Espada de dimensões superiores, muito bem ornada, mas que não causa alvoroço. Permanece estática no chão pelo seu grande peso. É, muitas vezes, tocada na mão.



FONTES

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP - Hemeroteca

A quadrilha marca a festa de São João no interior do Brasil. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 jun. 1982.

BICHARA, Mônica. Festas juninas: um jeitinho brasileiro. **Jornal da Bahia**, Salvador, 27 jun. 1982. p. 12.

Emoção nos baianos. *Jornal do Brasil*, 22 jun. 1979.

LACERDA, Daniele. São João. **Jornal do Comércio**, Recife, 14 jun. 1995.

NOBLAT, Ricardo. Sai da frente! **Veja**, 4 jul. 1979.

Nordeste mantém viva a tradição das festas juninas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jun. 1974.

Uma tradição que morre. **Diário de Notícias**, Salvador, 21 jun. 1968.





REFERÊNCIAS

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. Homens e mulheres na Guerra de Espadas em Cruz das Amas – BA (1980-2018). In: CLÁUDIA, Priori; PEREIRA, Márcio José. **Os estudos de gênero e seus percursos: intersecções possíveis com a história pública**. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

CÔNSUL, Rei; PEIXOTO, Hermes. **A história do São João e a festança em Cruz das Almas**. Cruz das Almas: Gráfica e Editora Nova Civilização Ltda, 2006.

OLIVEIRA, Adriana da Silva. **Entre a cruz e as espadas: práticas culturais e identidades no São João em Cruz das Almas**. 177 f. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual da Bahia – Departamento de Ciências Humanas, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2012.

PEIXOTO, Rafael Caldas Barros. **A Guerra de Espadas em Cruz das Almas: cultura, turistificação e estigmatização**. 134 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Cachoeira, 2012.

WANDERLEY, Rodrigo Gomes. **Guerreiros do fogo: uma etnografia da “morte anunciada”**. 136 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2016.

SOBRE OS AUTORES

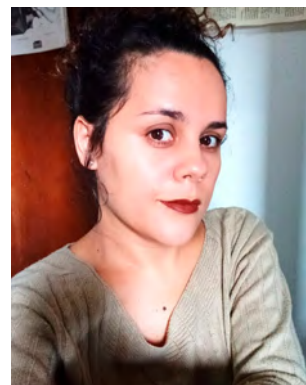
Filipe Arnaldo Cezarinho

Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestrado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e licenciado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Interessado em investigações sobre os seguintes temas: História e Violência, crime, polícia, masculinidades, festas, cultura popular, História e Internet e Violência escolar. Participante do Núcleo de Pesquisa de História da Violência (NUHVI) e bolsista Capes.



Tábata Figueiredo Dourado

Mestre em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É pós-graduada em Educação e Meio Ambiente com ênfase em preservação ambiental, pela UNEB; Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (2009). Como educadora e pesquisadora em educação, tem experiência nas áreas de Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular e Educação em Espaços Não-Escolares. Atualmente, é servidora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde ocupa o cargo de Pedagoga na Pró-Reitoria de Extensão.



A presente obra se origina de um projeto submetido ao Edital N° 01/2020 – Premiação Fundação Pedro Calmon, Prêmio Aldir Blanc, categoria Memória. Toda a pesquisa deu-se por meio das mídias digitais, o que garantiu a feitura do livro considerando e respeitando as normativas atuais do contexto pandêmico. [...] A obra destina-se a toda população, sem restrições. Contudo, direciona-se, especialmente, às pessoas comuns que aprenderam a arte da produção das espadas para festejar nos dias de São João, mas também para manutenção de suas vidas com as vendas das mesmas para o público. Além de valorizar a Guerra de Espadas enquanto manifestação cultural baiana, essa proposta tem a intenção de documentar histórias e memórias que são contadas através de gerações pela oralidade.

A Guerra de Espadas vive!

Apoio Financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

